

Universidades Lusíada

Carvalho, José Eduardo dos Santos Soares, 1939-

Nota de abertura

<http://hdl.handle.net/11067/5284>
<https://doi.org/10.34628/6aqg-3j08>

Metadados

Data de Publicação	2006
Palavras Chave	Economia, Gestão de pessoal, Turismo, Gestão de empresas
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCEE] LEE, n. 06 (2006)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-23T18:13:19Z com
informação proveniente do Repositório

Nota de Abertura

O ano de 2006 fica como uma das mais relevantes efemérides da história dos grandes pensadores da ciência económica. A morte de John Kenneth Galbraith aos 97 anos, no dia 30 de Abril, será para sempre recordada por todos os economistas, independentemente, de ser visto por muitos com alguma desconfiança.

Galbraith, nascido no Canadá em 1908, foi um dos economistas mais influentes da sua geração e dos autores mais lidos da história da ciência económica, com 33 livros publicados. Formado pela Universidade de Toronto, fez o doutoramento em Economia Agrícola na Universidade da Califórnia, em Berkley. Naturalizado americano em 1937, foi professor em Harvard entre 1945 e 1975, tendo interrompido a docência durante três anos (1961-1963) para responder ao convite do presidente John Kenedy para ser embaixador dos EUA na Índia. Foi conselheiro de todos os presidentes democratas americanos, desde Franklin Roosevelt a Bill Clinton.

Ajudou a Administração de Lyndon Johnson a elaborar os programas da Grande Sociedade que visavam combater a pobreza nos anos 60, mas a relação entre ambos deteriorou-se devido à sua oposição à guerra no Vietnam. Nos anos 80 os seus ideais caíram em desgraça com o Presidente Regan nos EUA e os governos de Margaret Thatcher no Reino Unido. Porém, o regresso do centro-esquerda ao poder em Inglaterra, com Tony Blair em 1997, marcou o regresso da sua teoria à política britânica.

Galbraith era um acérrimo crítico da economia de mercado, rejeitando a teoria clássica, segundo a qual a oferta se baseia nas necessidades dos consumidores. Com a publicação da sua obra *"O Novo Estado Industrial"*, inverte esta lógica afirmando que é a oferta que determina a procura. Obra que mais tarde actualizou, com a publicação de *"A Sociedade da Abundância"*, na qual lamenta o aprofundamento das desigualdades na sociedade americana. Próximo do economista britânico John Maynard Keynes, era defensor da intervenção do estado para resolver os problemas sociais.

Galbraith nunca se alinhou a qualquer corrente de pensamento específica dentro da academia norte-americana. No entanto, ao defender o gasto em bens

públicos e criticar o poder demasiado das grandes corporações, foi associado à esquerda e como oponente à teoria neoclássica. Esta conotação vem do facto de Galbraith ter sido sempre um economista voltado ao público e não à academia. Era, por isso, visto como um economista-sociólogo, impressão que se consolidou pela linguagem coloquial e o foco nas questões sociais e bens públicos na economia. No fundamental, como pensamento contemporâneo, a doutrina de Galbraith deixou como herança que o importante na ciência económica não é as teorias, mas as pessoas.

O ano de 2006 foi lesto em revelar outro nome e outra obra no campo da ciência económica. O autor é Anselm Jappe, nascido em Bona, em 1962. Não é economista, mas filósofo, doutorado pela École des Hautes Études de Paris. A obra é *As Aventuras da Mercadoria – para uma nova crítica do valor*, editada pela Antígona.

Na mesma linha de Galbraith, Jappe é assumidamente radical sobre os perigos da globalização, embora sem ceder, como outros, à “lógica do sistema”. No entanto, ataca quase todas as correntes da esquerda anti-globalização, como as do *Le Monde Diplomatique*, de Pierre Bourdieu e da dupla Toni Negri/ Michael Herdt. Avesso às lutas dos alter-mundialistas, não acredita na reforma do capitalismo reinante porque, segundo diz, a sua “crise definitiva” já estará em curso, para lá das ilusões do consumo.

Anselm Jappe começou a ser notado nos meios académicos quando publicou *Guy Debord* (1993), obra traduzida em seis línguas, na qual apresenta um estudo sobre o seu pensamento no contexto do século XX. A sua linguagem clássica parece resistir melhor ao tempo que muitos dos seus contemporâneos. Em Abril deste ano esteve em Lisboa para a apresentação do seu livro *As Aventuras da Mercadoria* e para uma conferência na Universidade Nova.

Questionado, numa entrevista concedida ao *Diário de Notícias* sobre o paradigma do “sucesso” económico baseado em estratégias comerciais mais agressivas, Jappe diz que “podemos dizer que há alguns produtos que custam cada vez menos, devido aos avanços tecnológicos, tornando-se acessíveis a um número maior de pessoas. Há um sentimento generalizado de insegurança em relação ao futuro; se as pessoas consomem freneticamente é porque têm a sensação de que tudo é precário, de que tudo vai terminar de um dia para o outro. É a ansiedade da humanidade supérflua.” Nas páginas finais deste número de *Lusíada – Economia & Empresa*, incluímos uma recensão à última obra de Anselm Jappe.

O ano de 2006 veio também lembrar que a Universidade Lusíada já passou por 20 primaveras. Uma academia jovem na idade, mas profícua a gerar *espertos* nas várias áreas do conhecimento de nível universitário. No domínio das ciências da economia e da empresa, no decurso destes vinte anos, saíram diplomados pela Universidade Lusíada cerca de 5000 licenciados, 100 mestres e 15 doutores. É obra! Partilho do orgulho de pertença a um corpo docente

dedicado à causa de elevar o nível académico e profissional das *gentes* portuguesas, valorizando com formação sólida, científica, técnica e de cidadania, o capital humano do nosso país.

Em 2006 “Lusíada – Economia & Empresa” atinge a 6.^a edição. Estruturalmente, esta edição propicia seis temas, inseridos nas diferentes licenciaturas da Faculdade. O primeiro texto insere-se no domínio da *economia*; os autores fazem o enquadramento internacional da economia portuguesa utilizando modelos econométricos com base em variáveis explicativas do crescimento económico. No domínio da *gestão de empresa*, o segundo texto trata também a internacionalização, mas na perspectiva das PME; o autor desenvolve o tema a partir de uma aplicação num sub-sector específico da actividade económica.

O texto três é focalizado no domínio da *gestão dos recursos humanos*; o autor demonstra que as práticas de gestão dos RH, mediadas pelos resultados sociais e organizacionais, influenciam directamente os resultados económico-financeiros das empresas. O quarto texto também se insere no domínio da gestão dos recursos humanos; o autor aborda a homogeneidade e a heterogeneidade das culturas nas organizações bancárias.

O domínio do *turismo* é tratado no quinto texto; através da análise de *clusters*, as autoras estudam as motivações turísticas dos seniores portugueses no mercado interno. O último tema, na ordem do índice, pertence ao domínio da *matemática*; os autores trabalham a modelação de crescimento de populações isoladas, utilizando sistemas dinâmicos discretos não lineares.

Espero que esta edição seja do agrado dos nossos leitores.

O DIRECTOR

José Eduardo Carvalho